



### MEMÓRIAS DE MOÇAMBIQUE COM MUDUNGAZI MEMORIES OF MOZAMBIQUE WITH MUDUNGAZI

Daiana Nascimento dos Santos<sup>1</sup>  

**RESUMO:** Entrevista com o escritor moçambicano Mudungazi é o nome artístico do jovem escritor Isaías Mucindo Armando Mate, escritor das obras *Sonata de uma Nação Vagabunda* e *Memória Subterrânea* e participa da Antologia de Prosa e Poesia, do livro *Impoética & Poesia; Poemas & Cartas Ridículas de Amor; Memórias do Idai*.

**Palavras-chave:** Memória. Poesia. Moçambique.

**ABSTRACT:** Interview with the Mozambican writer Mudungazi is the artistic name of the young writer Isaías Mucindo Armando Mate, author of the works *Sonata de uma Nação Vagabunda*, and *Memória Subterrânea*, and participates in the Anthology of Prose and Poetry, the book *Impoética & Poesia; Poemas & Cartas Ridículas de Amor; Memórias do Idai*.

**Keywords:** Memory. Poetry. Mozambique.

---

<sup>1</sup> É professora titular e pesquisadora do Departamento de Artes Integradas, Universidad de Playa Ancha, Chile, vinculada ao Programa de Doctorado en Artes Integradas. Coordinadora da Cátedra Fernão de Magalhães vinculada ao Instituto Camões - PT. E-mail: [daiana.nascimento@upla.cl](mailto:daiana.nascimento@upla.cl)

**Mudungazi** é o nome artístico do jovem escritor Isaías Mucindo Armando Mate, nascido aos 09 de julho de 1984 em Moçambique, numa pequena aldeia histórica chamada Machecahomo na província de Gaza no distrito de Mandlakazi. Atualmente, é doutorando em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no Brasil. Possui mestrado em Educação – Ensino do Português pela UP-Maputo e é Licenciado em Ensino do Português pela Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique. Exerce as funções de docência e pesquisador na Universidade Save em Moçambique. Foi professor no ensino primário e secundário. Foi vencedor na 4ª Edição do Prémio Literário José Craveirinha na Categoria de Poesia, promovido pela Universidade Pedagógica - Maxixe e teve uma Menção Honrosa no 3º Concurso Internacional de Literatura da ALACIB (Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil) na Categoria de Poesia. O conjunto da sua obra reúne dois livros publicados em 2024: *Sonata de uma Nação Vagabunda* e *Memória Subterrânea*, ambas revelam o estilo lírico, cuidadoso e crítico que se evidenciam na pluma atenta do jovem escritor. Além do mais, alguns dos seus textos integram a Antologia de Prosa e Poesia, do livro *Impoética & Poesia; Poemas & Cartas Ridículas de Amor; Memórias do Idai*; Revista Mangles & Letras (13 de junho 2020, nº 14). Salta aos olhos a preocupação do autor sobre as memórias atemporais que emergem do Moçambique retratado no romance e daquele que surge como uma possibilidade. Nesse sentido, a presente entrevista toma como mote esses aspectos para tecer uma conversa com o jovem escritor que já por si demonstra uma maturidade intelectual e criativa sobressalente enriquece ainda mais a literatura contemporânea de Moçambique.

**Daiana Nascimento dos Santos (DNS):** Quais são as suas inspirações para a escrita do romance *Memória Subterrânea*? De onde surge a ideia de incluir os cães e outros animais na narrativa, assim como as referências a alguns ditadores?

**Mudungazi (MDZ):** Esta questão, devido à sua complexidade, é daquelas que a resposta não cabe em duas ou três linhas, pois ela exige uma explicação histórica mais detalhada dos fatos que deram vida ao romance. Indo concretamente à resposta, por um lado, o romance inspira-se nas narrativas de tradição oral africana, especificamente narradas no contexto moçambicano. Nasci numa região rural, onde a prática de narrar estórias à volta da fogueira, nos tempos da minha adolescência, era tradição. Nessas narrativas, os personagens são geralmente animais que encarnam atitudes e comportamentos humanos, positivos ou negativos. Logo, o recurso a personagens animais em narrativas de autores africanos pode ser entendido como fruto de transmissão e assimilação de conhecimentos geracionais, principalmente daqueles que têm origens ou experiências rurais.

Por outro, o romance “*Memória Subterrânea*”, na verdade, faz parte de um conjunto de textos que, originalmente, compõem “*Nós não Matámos o Cão-Tinhoso*”, inspirados em “*Nós Matámos o Cão-Tinhoso*”, um livro de contos do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana, publicado, na sua primeira edição, em 1964, durante a época colonial. Por razões que neste momento não importa mencionar, não publiquei esse livro. O *Cão-Tinhoso* de Luís

Bernardo Honwana, segundo a crítica, é a imagem simbólica do colonialismo português no espaço moçambicano. Em “Nós não Matámos o Cão-Tinhoso” procuro mostrar que o cão não foi morto, continua vivo, entre nós. Nas ex-colónias, em países africanos, a opressão não parou com a conquista das independências políticas. Atualmente, devido aos desafios enfrentados pelos povos africanos, existe uma ideia generalizada no seio do povo de que apenas houve troca do opressor, do colonizador branco para o colonizador preto, por via de movimentos de libertação/partidos políticos. Então, a inclusão dos cães, em “Memória Subterrânea”, enquadra-se, também, na continuidade da narrativa original, no entanto, com objetivo de mostrar o lado rude, selvagem e desumano do ser humano. A imagem do cão, na cultura moçambicana, tem sido associada a ações negativas. Portanto, o cão, para mim, considerando o universo cultural do qual faço parte, personifica ou metaforiza da melhor forma o comportamento desviante da sociedade moçambicana.

Quanto à inclusão de outros animais, esses fazem parte do universo cultural moçambicano, assumindo diferentes funções na formulação de expressões fraseológicas, na ornamentação do discurso, na expressão de algumas práticas folclóricas acompanhadas pelo tom satírico, às vezes para dar vida aos ambientes habitados pelos personagens. Enfim, as referências a alguns ditadores, por meio de alcunhas, trata-se de uma estratégia discursiva para denunciar os problemas que enfermam os estados africanos, a condição social desses povos, como consequência de políticas falhas, de perpetuação da polarização social e política.

**DNS:** Qual é o papel que assume a memória subterrânea na trama da obra?

**MDZ:** A memória subterrânea assume um papel despertador da condição humana e social em face dos problemas que afetam grupos da periferia, através da denúncia, de vozes que enfrentam a realidade escondida, expondo-a sem máscara. Os problemas são vários e incluem a exclusão e segregação sociais, os vícios e a exploração humana através da violência simbólica. A memória subterrânea é o retrato das coisas escondidas sobre o que aconteceu em Sofala, nas regiões de Muxungué e Gorongosa, e o que ainda acontece hoje, em Cabo Delgado. Portanto, é o conjunto de coisas que, do ponto de vista político, o povo não deve saber: os motivos dos conflitos armados, os desafios enfrentados no campo de batalha, as mortes e tudo envolvido nesses conflitos. Porém, a memória subterrânea, pela sua complexidade, transcende o que se mencionou. Ao trazer episódios que contém marcas

culturais de comunidades estereotipadas, tidas como não evoluídas, assume um papel de resgate e resistência à erosão dos valores das tradições africanas.

**DNS:** Como está representado o povo na obra? Quais são as estratégias de resistências políticas, culturais ou espirituais que possuem ou pretendem assumir?

**MDZ:** Na obra, eu penso que o povo está representado por meio de um conjunto de práticas socioculturais típicas de regiões rurais, de gentes subalternizadas. Os fatos narrados espelham o dia a dia das populações, suas vivências, seus desafios, seus sonhos e frustrações. Como estratégia de resistência política, há vozes que encarnam e encaram os problemas do povo, denunciando-os. Por exemplo, o povo clama, exigindo o fim dos desmandos dos cães: “CHEGA DE CÃES!”, “ATÉ QUANDO?”, “ESTAMOS CANSADOS.”, “PAZ!”, “PAZ!”, “QUEREMOS PAZ!” (MS, p. 24). Há também questionamentos sobre a razoabilidade das ações dos governantes: “É por isso que muitos chefes agem de maneira mais estúpida com o povo?”; “Mas, como deixar politicalha? Se estamos nestas matas por causa desta mesma merda! Estamos aqui a morrer com picadas de mambas, sei lá o que mais virá pela frente, não é porque estamos ao serviço da política?” (MS, p. 35). Além disso, há figuras da arena política que são convocadas por meio de personagens que assumem suas alcunhas, colocados a dialogar, afrontando-se, após Muswazi, o mais experiente dos caçadores, questionar sobre a liderança do grupo. Durante a resposta, inicia uma querela verbal entre os caçadores mais fortes, enquanto mencionam seus defeitos, suas falhas humanas. A exposição dos defeitos de cada personagem constitui, de certa maneira, um convite ao leitor para refletir sobre o lugar que essas entidades ocupam na memória do povo e figura-se como resistência política ao seu endeusamento. A partir da posição subjetiva do narrador, essas figuras, submetidas a julgamentos, são desmascaradas, projetando-se um ponto de vista de representarem entidades cheias de defeitos, semelhantes a outros da comunidade.

Como estratégia de resistências culturais e espirituais, o romance traz episódios em que o cultural e o espiritual africanos são a via mais exequível para solucionar determinados problemas. No contexto africano, o saber transmite-se dos mais velhos aos mais novos. Os velhos são tidos como detentores de uma sabedoria capaz de intervir na resolução de qualquer tipo de problema que for a surgir no seio do grupo. Consequentemente, quando Bush, um dos caçadores, é picado por uma serpente, fracassadas as tentativas de cura com recurso a medicina convencional, Muswazi, seu companheiro, afasta os colegas e evoca religiosamente

os espíritos da sua ancestralidade, que atendem ao seu pedido e prossegue com um tratamento tradicional. Portanto, isso revela a utilidade dos saberes tradicionais africanos, que, geralmente, são estigmatizados pela visão europeia e pelo cristianismo.

**DNS:** O romance pretende esboçar um retrato do Moçambique atual ou faz uma leitura atemporal?

**MDZ:** Eu penso que o retrato sugerido pelo romance é mais atemporal do que atual, uma vez que o passado, o presente e o futuro dialogam na construção da trama. O passado recorre a episódios que nos remetem a fatos históricos, por exemplo, a queda do Império de Gaza e a deportação da família real ao asilo, os problemas surgidos após a Proclamação da Independência, a guerra dos 16 anos e os conflitos armados após a assinatura dos Acordos de Roma. A atualidade moçambicana é esboçada por fatos vivenciados no presente: os conflitos armados e a ineficiência do exército moçambicano, as desigualdades sociais, causadas por má distribuição das oportunidades que o país oferece. O futuro caracteriza-se pela incerteza, prevendo-se gerações vazias de referências. Essas gerações, conforme sugere o texto, “não sabem que passarão a curvar-se diante de cães quaisquer e cabras que trarão de volta os tempos piores que os propalados quinhentos anos” (MS, p. 19). No fundo, essas informações, a meu ver, perspectivam uma vida mais difícil do que a do passado e a atual. Deste modo, o retrato da realidade moçambicana não se confina a um período específico, daí a razão de ser atemporal.

**DNS:** Quais são as pretensões e propostas que o romance traz à baila para os diversos tipos de leitores?

**MDZ:** De certa maneira, penso que o romance se propõe a chamar a atenção dos leitores sobre vários assuntos: a existência de grupos sociais condenados à desgraça, à má sorte, ou seja, “os condenados da terra”, como dizia Frantz Fanon, na sua época. Na trama, em forma de sonho, um grupo de caçadores é destacado a uma missão suicida, de caçar os cães que aterrorizam a aldeia. Durante a caçada, alguns morrem de maneira brutal e os que sobrevivem revelam que estão naquela missão por falta de melhores opções. A condição social e humana empurra determinados grupos a situações difíceis. Portanto, esses episódios conduzem, até certo ponto, o leitor a uma leitura fundamentada na “necropolítica”, de Achille Mbembe, onde existem pessoas escolhidas para morrer e aqueles que definem a morte dessas pessoas.

Há, também, apelo ao respeito do conhecimento local e tradicional, a partir de eventos que marcam a narrativa: por exemplo, i) Chegados à floresta, os caçadores enfrentam vários desafios, alguns sobrenaturais, resultantes da não observância a certos rituais locais. Perdidos e desesperados, resta-lhes evocar os espíritos ancestrais, pedindo a sua intervenção para solucionar o problema. ii) Num outro episódio, em forma de encaixe, a embarcação enfrenta dificuldades de travessia na confluência, e para resolver o problema, recorre-se a um ritual africano. Enfim, são vários os episódios marcados por situações que revelam saberes locais da cultura bantu e sua utilidade para a sobrevivência e estabilidade do grupo. A punição por não observância a certas regras sociais locais sugere-nos a reivindicação de espaços de pertencimento de grupos socioculturais marginalizados e silenciados.

**02 de setembro, 2024**

## Referências:

MUDUNGAZI. *Memórias Subterrânea*. Maputo: Editora Kulera, 2024.

Recebido em: 15/10/2024

Aprovado em: 20/12/2024

### *Como citar esta entrevista*

SANTOS, Daiana Nascimento dos. Memórias de Moçambique com Mudungazi. Entrevista. **Revista Narrares** – V.2, N.2, Jul-Dez, 2024, pp. 179-185.